

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Editor,

Aleindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor—FAFE

Inversão de valores?

Ninguém ignora que sob o regimen republicano têm sido promulgadas leis atinentes a satisfazer as reivindicações do operariado e que nada se praticou ainda que nos parecesse de maior justiça e de maior interesse colectivo do que isso.

Toda a gente sabe que esse montado de leis que são a aspiração duma grande maioria—modelo aos olhos dos extranhos,—na prática pouca efficácia têm tido, parecendo-nos até que o seu não «vigorismo» é um propósito dos funcionários que desconhecem dos seus deveres, que os seus efeitos são nulos, e que tudo continua como d'anies...

Protecção aos menores, seguros sociais, horário de trabalho, etc., etc., são utopias que tiveram o seu abrigo no «Diário do Governo».

E como os que se julgam lesados, sabem da frouxidão do funcionalismo que deveria ser muito mais rigoroso; como o proletariado só é capaz de reivindicar os seus direitos em maré de liberdade ampla e de maiores regalias para si; e como o «à vontade» tem sido pécha nesta terra de quem tem um olho é rei, vá de não cumprir-se o que é ditado por lei, e, também de renegar-se os mais rudimentares princípios de humanismo.

Senão, vejamos:

Pelo que diz respeito ao horário de trabalho, neste importante centro industrial, que é Guimarães, o desprêso é absoluto e a exploração atinge o máximo.

Conhecemos quem trabalha mais de 10 horas auferindo ordenado idêntico ao que ganha aquêle que trabalha oito, e miseráveis há que se aprestam em impar-se de generosos quando algem os acorda da modorra em que caíram, felicitando a sua própria consciência por terem sabido arrancar do corpo dum seu escravo

o trabalho produzido em 10 ou 12 horas pelo parco salário de Esc. 3\$50 e Esc. 4\$00 diários.

Exemplos? Não faltam.

E' questão de procurar e êles se sobrelevarão ao que nos parecia terra-à-terra, rasteirinho.

¿ Dos seus proveitos? Basta verificar os dividendos que ao fim do ano se distribuem e estabelecer o confronto com o que se considera miséria, doença ou prostituição.

Os homens emigram duma maneira pavorosa porque reconhecem da desvantagem da sua substituição por mulheres; a fome assalia muitos lares pela insuficiencia de salario que é o ordenado regateado ao sexo feminino; as crianças lá se vão atrofando num ambiente pouco limpo, quer moral quer fisicamente; a percentagem das tuberculosas atinge cifra assustadora; expulsam-se as meretrizes, prosbe-se-lhes a permanencia na cidade, mas temos de nos haver com a legião enormissima de meretrizes que as fabricas despejam às horas do descanso e que nos assediam á descarada; as «grávidas» não merecem protecção; a alimentação não vai além da borda de farelo e da aguada de caldo sem adubo...

Enfrentados com serenidade cada um dos nossos pontos gritados, quantas coisas amargas se diriam e quantas acusações não teríamos de vociferar.

Mas, uma vez que consideramos inversão de valores tudo o que se presenciar na vida terrena, não é para admirar que os factos apontados sejam uma realidade e que a cachoeira mississippica dessa inversão nos conduza a presenciar o fenómeno de ver voltada a face da terra.

Continuaremos.

«O Zézista»

Brevemente verá a luz da publicidade o quinzenário humorístico e literário «O Zézista» sob a direcção do sr. Américo Alves Ferreira.

Além de caricaturas, apresentará ótima colaboração.

Este numero foi pisado pela Comissão de Censura

Sociedade Martins Sarmiento

«O ALENTEJO»

Conferência do illustre jornalista e insigne escritor, Ex.^{mo} Sr. Dr. Brito Camacho

Como havíamos prometido, vamos hoje falar da conferencia realisada, na Sociedade Martins Sarmiento, pelo illustre jornalista e insigne escritor, Ex.^{mo} Sr. Dr. Brito Camacho.

Foi uma conferencia que se tornou em amena cavaqueira, e, durante a qual, o espirito scintillante do orador teve rajadas de eloquência, formosura de linguagem e graça captivante.

O tema, árido na verdade, tornou-se acessível a quasi toda a gente e revelou que o vago se pode, ás vezes, transformar em coisa limitada, palpável, defenida.

O Alentejo, que em verdade é um desenrolar indefenido de horizontes monótonos, tem, como qualquer das mais belas provincias portuguezas, o seu quê de beleza que preocupa não só os seus naturais como também os extranhos.

Por isso, admiramos o orador que soube arrancar das imensas extensões charnequénhas um colorido que nos fascinou quer pela firmeza do traço—deduzindo pensamentos cheios de sobriedade—, quer pelo esbatido de tons.

Em verdade, os múltiplos problemas que com clareza foram expostos pelo conferencista, tornaram-se interessantes a nossos olhos, interessantes e inéditos sob todos os pontos de vista, e revelaram que o Alentejo poderá ser no futuro uma região formidável de riqueza e de beleza, plôpera e grácil, uma vez que seja olhado pela governação pública com aquelle carinho a que tem incontestável direito.

Remoçará o velho Portugal e poderá-lo-iamos considerar um novo Brazil que não tem a separá-lo milhas e milhas de distancia, uma terra de promissão que encheria do orgulho as nossas almas anciosas dum porvir melbór.

Foi muito aplaudido e muito felicitado.

«O REBATE»

«O Rebate», diário republicano da manhã, iniciou a sua publicação em Lisboa e brilhantemente vem fazendo a propaganda dos princípios republicanos.

Jornal do Directório do P. R. Português, perdeu a sua caracteristica e proclama a união de todos os republicanos em volta da bandeira da Pátria, esquecendo retaliações e focando nitidamente o caminho que o momento nos impõe.

E' com prazer que vemos surgir mais este baluarte da República, e oxalá, que para a sua espinhosa missão, encontre as facilidades que deseja, o auxilio de que necessita.

Saudamos efusivamente o novo colega e auguramos-lhe longa vida.

VELHARIAS FORENSES

Por Eduardo d'Almeida

III LV

(Continuação)

Um dos processos então mais célebres foi o de Frei João Lombela, natural de S. Torcato. Já a êle me referi na Revista de Guimarães: «Em audiência geral de 13 de Dezembro de 1835 respondeu e foi condemnado como salteador o Frei João Lombela (João António de Oliveira, no século, e Fr. João de Santa Teresa de Jesus, na religião), em zendo o Juiz (Domingos Miguel Pereira de Carvalho e Abreu) na sentença que «estaria sem duvida nos termos de lhe ser aplicada a penna ordinaria de morte natural executada na praça do Toural desta villa, e decepada sua cabeça ser colocada em hum poste na Serra da Falperra», mas, atendendo ao seu antigo estado eclesiástico, o condemnava «em degredo perpetuo para as Pedras de Angouche com irremissível penna de morte se voltar a estes reinos». Servia de delegado António Leite de Castro, escriptor José de Sousa Bandeira e advogado dos réus, que eram vários, Manuel António de Lima Peixoto. Fazia parte de uma quadrilha, presa na noite de 21 de Agosto». (S. Torcato.—Algumas notas dispersas). Mais tarde, Alberto V. Braga, um dos mais curiosos espiritos de Guimarães contemporâneo e muito distinto e inteligente publicista, reconstruiu psíquica e juridicamente a figura estranha do frade franciscano, amassado na vida, sob impulsos fatídicos, mau e desgraçado, e o processo forense, no interessante estado, da mesma Revista, intitulada «Curiosidades de Guimarães—II—Maltas de salteadores—uma quadrilha de nomeada», página viva da agitada época que, então, decorreu entre nós, mas que está longe de nos ser peculiar. Não era só o nosso termo o percorrido por matilhas de salteadores e ensanguentado de vinganças; nem só aqui medrara a licenciocidade e o jogo, muito ao contrário. O homem de Guimarães, nas vicissitudes do tempo, revelou-se sempre piedoso, cordato e trabalhador. O que se apura nas devassas é a supuração de um mal que vinha de fóra e inoculava os predispostos ou pela tara, ou pela vadiagem e miséria. No Lombela, acusado de um roubo, com violência, feito a D. Engrácia Xavier Pereira Leite Almada e de mais proesas: no Vilasboas, havido como chefe de quadrilha; e nos supostos abandeados, que não conseguiram escapar-se, como os outros dois frades, Rodrigo e Tigelleiro, o jurí defendia-se da ameaça do contágio, mais do que sentenciava a expiação de feitos apurados. O Castro, companheiro do Vilasboas, e que fora visto sair da casa deste na celebre noite de 24 de Agosto, teve de ser julgado em duas audiências—a prova era escassa e o recelo enorme. Uns homens de capote, durante a primeira, entraram na sala, em que estavam reunidas as testemunhas, e logo umas poucas de acusação se evadiram, amedrontadas. A algazarra nos corredores era tal, e a atmosfera de medo tamanha que se levantou o julgamento. Chamado o Comandante da Guarda da Policia, e intimado a conduzir uma escolta para restabelecer a ordem, «representou em voz alta que recia cumprir esta ordem e sair da sala sem hua guarda que o acompanhasse, por estar muito amiasado, e ter bem fundadas suspeitas de perigar a sua existência». Naquella noite, como constasse que o bando planeava um assalto, o Comissário guardou as entradas da vila e pôs rondas nos caminhos que a ela se dirigiam. Na Cruz de Pedra, foram presos, além de Fr. João, mais seis homens, armados de bacamarte, com munições de balas e quartos. Nas Capuchas, um outro grupo dispersou-se, vindo alguns sair ao Campo da Feira, pelo caminho da Costa. Assim o Castro foi apanhado, desarmado, com o Vilasboas. Não se apurou contra êle, culpa alguma a mais. Ele defendia-se que era filho de lavradores, e lavrador, mas viera para aqui, hospedando-se em casa de um cunhado, no Terreiro das Beatas de S. Francisco, por que adocera de certo mal, que as mulheres apegam aos homens, e os homens apegam ás mulheres. Na segunda audiência, com muita força a guardar o tribunal, as testemunhas pouco adiantaram; o Castro jurou que sempre fora consuetudinário decidido, sofrera por seus sentimentos de adesão á Carta e á Rainha grandes incómodos e perseguições e até se alistara no Batalhão do Minho. Sob a suspeita, porém, de salteador, porque nada mais se averiguara, o juiz, em face da resposta «dos cidadãos que acompanharam o Juri de Sentença», foi condemnado em 10 anos de degredo para a Ilha de Cabo Verde. Á igual tempo de pena foi condemnado o Moreira (10 anos de degredo para Angola), que respondera conjuntamente com o religioso egresso da Ordem dos Menores Mendicantes.

Frei Lombela! Que pungentissima não é a primeira alegação da sua defesa: — «Provará que o Reverendo Réo foi sem vocação alguma para o Estado Religioso, e só por engano do Prelado daquelle tempo he que professou o habito illudindo-o com a promessa de que seus Pais lhe haviam de estabelecer humma tença de trez moedas para o seu melhor arranjo!» E logo afirma—«quando professou o habito daquelle Religião era menor, e teria apenas dezassete para dezassete anos, não conhecendo por isso o engano que se lhe tramava, aliás não professaria, sendo certo que tal tença nunca se lhe fez, e comessou desde então a mostrar aversão áquelle Estado Religioso.» Daí consequentes castigos penitenciais e de cárcere «do qual procurava evadir-se pelos meios que podia, como he natural». Nas suas fugas, abrigava-se em casa dos paes—bem duramente castigados, mas talvez não arrependidos, do seu verda-

Os Empregados do Comércio em Fafe

No próximo dia 23 visita a rissonha vila de Fafe o Grupo Scénico dos Empregados do Comércio de Guimarães, realisando na esplêndida casa de espectáculos daquelle vila uma recita dedicada ao distinto Orfeão de Fafe.

Levarão á scena os prólogos «Os 2 patrões» e «Amanhã» e a interessante comédia a «Espadada» com lindísimos côros.

Spleen...

a L. Filipe

Escarnecer de tudo e de todos como um louco!...
Rir deste mundo inteiro e rir do outro mundo!...
Ser cego para a dor e pra desgraça mouco!...
—Eis o profundo X do gôso mais profndo!...

Têr o rancôr de Néro!... E o ódio em turbilhão
No seio a ulular e a referver o mal!...
Quem é que vê o só!—se é tudo escuridão?!...
A Ideia onde é que está—se é um zéro o Ideal?!...

Torquemada?!... Maior!... Maior e mais perfeito
Na suprema tortura ao Homem—Formidável!...
Tens coração?.. Pois bem... Eu rasgo-t'ô no peito!...
—Quem tem direito á alma é o verme abominável!...

Geme a miséria?... A' lama, á lama a vil miséria!...
Bôcas cheias de lama e em tudo, tudo lama!...
Se o mundo ri da fome é porque a fome é séria!...
Pois que ria, que eu rio!... E' um fôgo intenso em chama!...

Meu doido spleen. escuta! Eu enlouquêço, escuta:
Tu não creias em mim!... Oh! não, tudo mentira!...
No meu Eu, outro Eu anda a açular a luta
Dum coração bondade em tenebrosa ira!...

Pois basta só ouvir gemer uma creança
Para todo tremer de mágua e de tristêsa!
Se á minha porta bate a dor mais ténua e mansa,
Ou a suprema dor, eu abro-a com prestêsa

E as duas acarinho e beijo com doçura!
Se a miséria, com frio, o meu tugúrio pisa,
Eu sento-a na lareira em volta da quentura
E dou-lhe do meu corpo a última camisa!

Março de 1930.

Delfim de Vimaranes

deiro crime!—e dos amigos, com receio á captura dos religiosos, andando sem os seus hábitos, e de corôa cerrada. Longo tempo jazeu no tronco, nas cadeias da viia, e nas masmorras do Limoeiro. E dizia que a sua pena já estava expiada e não havia lugar a novo castigo. Nas suas respostas, o desgraçado contou que pelos religiosos estivera preso 10' anos, e da prisão de S. Francisco da cidade, feita a revolução de 1820, fora transferido para o Limoeiro, onde estivera até 23 ou 29! Assim chegara aos 57 anos, na maior degradação. Acusavam-no de mancebia, vida escandalosa, roubos, e até de duas mortes.

Já contei o episódio. Uma vez, estava preso em S. Francisco. Dois frades, que passavam, ouviram-no exclamar enternecido «O' minha bela!». Encheram-se de indignação e curiosidade, e estremunham a comunidade. A porta foi escancarada—dentro, deitado no catre, o Lombela abraçava e devorava com beijos uma garrafa de vinho. Na surpresa, desatou a rir umas gargalhadas de louco em que já não havia lágrimas. Mas houve quem as chorasse, ardentes e sinceras, quando saiu do tribunal condenado para degrêdo até á morte.

Uma manhã no campo

A meus Pais

Cinco horas da manhã soavam no campanário da igreja.
Acordei do meu sonhar vagabundo e o hálito da frescura, convidou-me a ir ao campo...
Ainda algumas estrelas brilhavam na lmsensidade do Olimpo... As aves chilreavam alegremente saindo dos silvados, os grilos e as cigarras cantavam ao desafio. Ao longe, ouvia-se o coachar das rãs, perto dos charcos.
No meio das campinas belamente marchetadas e coloridas, me achei.

Que linda e leda é a natureza!...
O chier de um carro e a voz robusta de um lavrador, incitando o seu companheiro de trabalho, chegou aos meus ouvidos.

Caminhei algum tempo em direcção a essa voz alegre e sábia.
—Ora viva o snr. João.

—Que o traz tão cedo por aqui, meu menino?

—Aqmira como tudo isto é bello e saudável, srn. João. Nada me distrai tanto como visitar estes campos, onde passei parte da minha infância...

—Lá isso, assim é. Recordo-me como se fosse hoje. Um dia criança ainda... mas não falemos em coisas passadas. Como teem corrido os estudos?

—Bem, obrigado. Sempre ás mil maravilhas.

—Queira Deus e a virgem Maria que saia depressa doutor, que até me consolo todo quando o vejo com esse arsinho de velho amigo.

—Tudo tem o seu tempo. Devagar se vai ao longe, não é verdade?

—Como vai a sua familia?

—Vamos indo graças do Senhor...

—Adeus, srn. João; não quero roubar-lhe mais tempo.

—Adeus, meu rico menino.

Afastava-me com as suas palavras gravadas no coração, quando a sua voz se fez sentir de novo.

—No domingo não se esqueça de ir a minha casa para visitarmos o fumeiro...

—Pois sim, lá irei.

—Olhe que na cidade, talvez não encontre coisas tão boas como na casa do João do Monte.

—Pronto, lá estarei pela manhã. Adeus.

—Vá com nossa Senhora.

Mais abaixo grupos de ceifeiras, apanhavam trigo.

Bons dias, lindas raparigas. Então como vão esses amores?

—Bons dias, srn. doutor. A esse respeito muito mal...

—Doutor? Ainda é cedo.

—Mas para lá caminha.

—E' verdade, é verdade... Até logo. Vou almoçar.

09 de Abril de 1918

Desde o começo de Abril que se notava um grande movimento na nossa frente de combate.

O Comando britânico, não fez caso das nossas informações, por não julgar possível um ataque a fundo entre *La-Banée e Armentières*.

No entanto, tudo indicava que esse movimento era superior ao normalmente feito, quando se tratava da rendição de uma Divisão.

No dia 8 pe Abril, o General Hacking, ordena á Divisão Portugueza que se encontrava na frente, que retire para descanso.

A Divisão Portugueza, que seria substituída na frente pela 50.º 55.º Divisões britânicas, devia principiar a rendição na manhã do dia 9.

Quando já estava tudo preparado para retirar, seriam umas 4 horas da manhã do dia 9, começou-se a ouvir um formidável bombardeamento, que em poucos minutos adquiriu uma tão grande intensidade, que não é fácil de descrever.

Ao principio julga-se que se tratava de um *raid* de alguma importancia.

Mas passados poucos momentos, já todos estavam compenetrados da gravidade da situação.

Pela sua frente ninguem entrou.

Entraram pelo *Dec Post* (sector ingly á nossa esquerda) que, não podendo resistir a intensidade do combate, retirou, fazendo um colchete defensivo, que permitiu a entrada dos alemães.

Num estado moral e fisico bastante precário, de efectivos desamparados, em preparativos de rendição, e sendo atacados por um inimigo superior em número e mais bem apetrechado, os portugueses souberam, na sua generalidade, fazer reviver em si os brios da raça, cumprindo honradamente, nobremente, sacrificando-se até a última extrêmo, na defesa do sector que lhe tinham confiado.

Que os portugueses que não foram a Guerra se conençam desta verdade, penitenciando-se do desdem a que teem votado, estes sacrificados do dever para com a Patria, passando a dizer, como out,ôra disse Camões «Diosa Patria que tais filhos tem»

—São horas, repetiram em côro. Uma levantou a sua voz meiga, cantando:

*O meu amor é estudante
ninguém o pode negar;
Tem os lábios coradinhos,
são doces para beijar*

*Ando vestido de preto
até nascer o luar...
Quem me dera ser bonita,
para o poder namorar.*

Perto um rouxinol lançava as últimas notas.

Mário

Coimbra, 23—II—930.

Regionalismo e nacionalismo

Estas duas palavras que andam na boca de certa gente, depois do insucesso de várias tentativas de *reorganisação monarchica*, servem como que de mascaras afiveladas no rôsto de certas personagens muito do nosso conhecimento; e tão mal elas lhes ficam, que não há maneira de ocultarem aquilo que com elas se pretende encobrir.

Assim, atentando bem no alvo da sua propaganda, na imprensa que as perfilha, em todo o seu significado, e ainda mais, nos *patriotas* que reclamam as suas pessoas, fácil nos é usar daquela conhecida expressão carnavalesca: *bem te conheço bôa mascara!*

Talvez haja quem ingenuamente suponha, tratar-se de reclamar as belesas das nossas provincias, e tão distintas e belas elas são, que, sem duvida, um grande serviço se lhes prestaria, chamando para elas a atenção dos amigos da natureza, para nós tão prodiga, qualquer que seja o aspecto por que tenhamos de a apreciar.

E assim, seria de louvar semelhante attitude, pois bem conhecido é o snobismo de certos portugueses, que nada conhecendo do seu país, *por nuda ter que ver*, se abalançam a visitar o estrangeiro, embora em limitado passeio, por vezes não ultrapassando uns escasos quilómetros, para além dos limites das nossas fronteiras terrestres ou maritimas.

A tais *patriotas*, a estes que desconhecem o torrão natal e desdenham o do próprio logar em que nasceram, demasiado modesto para as suas prosápias, forçoso é que lhes desafivelemos as mascaras, apresentando-os tais quais são, repudio dos homens que adoram a sua pátria, como so pode amar estremecidamente aquela que nos deu o ser.

Mas o regionalismo que se apprehôa, desde certo tempo a esta parte nada significa de elevado pensamento, antes por restrição mental. pretende-se com esta palavra arrancar ao regíme o povo que o implantou liberrimamente, na sempre memoravel jornada de 5 de Outubro.

Ora, nas reuniões em que tem stido versado largamente o assunto, ressaltando as excepções, que as tem havido e a que tem concorrido o que dentro e fora do regíme existe de melhor, sem outra preocupação que não seja a de bem servir, a palavra política, diz-se, está fora dos nossos propósitos, como se fosse de pessoas que passam por inelicientes, o alhearem-se da política, da sua acepção mais elevada, que outra não deve ter, ao tratar-se dos interesses da mais insignificante terra portupegueza.

E' que as pessoas que nessas regiões, em tal attitude, tem apparecido, procuram ocultar o seu passado, não se apresentando tais quais são, como defensores da causa monarchica, ostensivamente, porque de antemão sabiam que nem sequer uma patrulha acorreria a ouvi-los.

Enquanto que sob a capa do regionalismo, é sempre fácil encontrar ingênuos ou finórios que, por sua vez, algum fruto colham da sementeira, embora ruim e apodrecida, como a arvore que a revolução republicana abateu para não mais se erguer.

(Continua).

De «O Rebate»

CÃO COELHO

Perdeu-se no dia 19 do corrente mês, um cão coelho-ro, amarelo que dá pelo nome de *Gibato*.

Procede-se a todo tempo contra quem o retiver.

Liga da Mocidade Republicana do Norte

Continuam as reuniões da Comissão Instaladora da Liga de Mocidade Republicana do Norte (Núcleo de Guimarães) para levar a efeito a sua inauguração em data ainda não marcada.

Para isso, resolveu a Comissão Instalador em delegar numa Comissão de Associados a que preside o Ex.º Sr. Dr. Adelino Ribeiro Jorge, a incumbencia da inauguração, resolvendo convidar, além do sr. Comandante Aragão e Melo, presidente da Liga da Mocidade Republicana do Sul, os snr.s Dr. Alexandre de Cárdoa, presidente da Liga do Norte e o eminente orador Dr. Leonardo Coimbra.

A Estação Postal de Moreira de Cónegos (Vinhas)

Por absoluta falta de espaço, somos forçados a deixar para o próximo número o artigo do nosso prezado camarada «*Bisturi*» que define a *baixêza* do professor Antonio F. Alves Soares como acusador do depositário do correio em Moreira de Campos.

Falecimentos

Capitão Augusto C. Moraes

Na sua residencia, á Rua 5 de Outubro, faleceu no dia 28 de Março, após prolongado sofrimento, o Sr. capitão de infantaria, Augusto Cesar de Moraes.

O saudoso extinto tomou parte na Grande Guerra, combatendo ao lado dos nossos aliados nas plagas Africanas e nos terrenos lamacentos do Flandres.

O seu funeral que foi muito concorrido, realisou-se no sabado, 29 de Março, saindo o préstito da igreja da Colegiada, para o Cemitério da Atouguia onde ficou sepultado n'um jazigo da familia.

A chave da urna foi entregue ao Sr. Luiz Cardoso Martins (Margaride).

Organisaram-se diversos. A toda a familia em luto apretamos condolencias.

P.º Antonio Pereira Mendes

Faleceu o Snr. Padre Antonio Pereira Mendes, padre-mestre da Ordem Terceira de S. Domingos. Foi dos padres cuja vida exemplar deve ser imitada.

Tiveram larga assistencia de cavalheiros e eclesiásticos os responsos pela alma deste bondoso sacerdote, assistindo igualmente as casas de beneficencia de Guimarães.

No préstito funebre, ancorporaram-se muitos trens e automoveis. A toda a familia em luto, a expressão do nosso pesar.

Inácio Augusto da Fonseca

Após dolorosos sofrimentos, faleceu o empregado da Escola Industrial de Francisco Holanda, Inácio Augusto da Fonseca, que era muito estimado entre nós.

O seu funeral teve lugar na passada quinta-feira, a que assistiram, além dos amigos pessoais do saudoso extintos, o corpo docente e discente da Escola onde ele fazia serviço.

A' familia enlutada, os nossos mais sentidos pêsames.

ALUGA-SE

Um bom prédio no Campo do Salvador, grande e bem dividido.

Para informações falar a José André.